## ENTRE GRADES E LIVROS

**VAGNER VILELA DE OLIVEIRA** [1]

Alcatraz. É o que veio à cabeça. Um longo corredor por onde os professores passavam em fila indiana, escoltados por guardas penitenciários. Uma longa galeria de celas, de dois andares. À esquerda e à direita de quem passava, viam-se celas. Acima e ao lado. Os presos se comunicando aos gritos entre eles. O assunto parou um pouco enquanto a fila de professores passava. Os professores por sua vez desfilavam um misto de curiosidade e receio. Ao mesmo tempo em que inspiravam um respeito. Sim. Seria isso o que ela sentia naquele momento? Que inspirava um respeito entre os alunos? Pelo simples fato de estar diante de alguém que irá lhe passar um conhecimento você deixa de ser um encarcerado e passa a ser um aluno. E goza de quase todas as prerrogativas que um aluno possa ter: a dúvida, a inquietação, a ignorância. Mas de forma alguma a indisciplina, o desrespeito ou a desfaçatez.

O caminho foi árduo. Horas ao sol causticante que lembrava a caatinga do norte mineiro. Estrada estreita de terra. Dezenas de professores, ávidos pela oportunidade de educar detentos. É fato que a oportunidade financeira tão parca fazia questionar o empenho. É fato que a situação financeira igualmente parca, fazia a necessidade gritar. Mas ali eles estavam. De todas as idades, de jovens a senhores e senhoras. Aguardando. Submetendo-se. O Sistema Prisional tinha marcado cedo da manhã, às 08:00 horas. Já passava das 11:00 e a fila rastejava.

Houve quem desistisse. Talvez essa fosse a primeira forma de seleção. Fica quem realmente quer. Quem realmente precisa. Uma vez lá dentro, o processo não era tão demorado. Após passar pelo detector de metais, e muitos ficarem sem seus celulares, que eram deixados com amigos professores, o processo era uma entrega e conferência de documentos. Aos que não estavam de carro, era aconselhado não esperar o ônibus no ponto próximo à Penitenciária. Dica de um próprio detento.

No primeiro dia de aula era esperada uma reunião, um treinamento e a divulgação dos horários e/ou ementas do ano. Mas encontrou-se justamente o contrário, uma breve recepção e também o recitar de breves instruções caminhando no percurso rumo à “cela de

1 Professor de Matemática do Município de Juiz de Fora – MG. https://orcid.org/0009-0003-3864-9243
email: vagner.vilela@gmail.com.br

aula". No primeiro dia, um só aluno. Sem prévia preparação. Recorre-se à experiência. Na cela havia alguns livros e vários deles familiares à professora. Um deles serviu de ponto de partida. O tema: o conhecimento. Nada mais icônico. Na "cela de aula", termo mais que simbólico por si só, abriu-se um buraco no tempo e no espaço. Como se o conhecimento fosse o possível túnel de fuga cavado pelo livro. E lá se foram o mito da caverna, Sócrates e Platão (a quem o aluno chamava carinhosamente de Pratão). Seguiu-se então a mais pura aula ao estilo socrático.

Ainda lá atrás, em uma segunda etapa do processo seletivo, mais horas de espera. Dessa vez aguardando uma entrevista. Talvez no intento de descobrir quem teria estrutura para encarar as aulas aos detentos. Ou seriam alunos? "São alunos!", disse a professora quando questionada sobre a postura ante o detento-pupilo. E como todo aluno, merece, e exijo o respeito. E a segurança? "Quiçá maior lá dentro que aqui fora!". Resposta arrebatadora que fez antever uma aprovação, e os bons olhos da banca seletora. Mais alguns dias de espera. E lá estava ela na cela de aula.

De jaleco branco. Talvez tão somente para distinguir e contrastar com o laranja berrante dos uniformes dos presos. Mas que lembra também a distinção. Hoje restrita aos doutores da saúde. E na maiêutica praticada, o aluno contou um pouco de suas tentativas de fuga e da opção pelo estudo ao trabalho. Seriam essas as duas opções para remissão de pena: estudar ou trabalhar. Ele concluiu que, fora da prisão, o estudo lhe seria mais útil que o trabalho.

Esse é o parto do conhecimento. Que se não retirado de dentro do indivíduo (ainda que encarcerado), morrerá com ele! Ao que o aluno respondeu: "que bonito, professora!".